

UM ENSAIO SOBRE HABILIDADES SOCIAIS BASEADO NOS ESTUDOS DE DELL PRETTE

Dhiogo da Silva Caldas¹
Roberto Remígio Florêncio²

RESUMO:

As habilidades sociais podem ser compreendidas como relevantes elementos do desenvolvimento dos indivíduos, inclusive no ambiente escolar. Deste modo, o objetivo principal da pesquisa foi conhecer as concepções de professores sobre o que são as habilidades sociais e qual sua importância para o desenvolvimento socioemocional do aluno. Para tanto, realizou-se uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa da qual participaram duas professoras dos anos iniciais do ensino fundamental na cidade de Juazeiro-BA. Ambas foram entrevistadas a partir de um roteiro semiestruturado que continha questões sobre suas concepções acerca das habilidades sociais e seu desenvolvimento. Dentre os principais resultados, apresentamos a reflexão de que é necessária a humanização da classe docente, não limitando o indivíduo emocionalmente, mas o capacitando a ser um cidadão socialmente competente.

Palavras-chave: Formação de Professores; Ensino Fundamental; Processo de Aprendizagem.

ABSTRACT:

Social skills can be understood as relevant elements in the development of individuals, including in the school environment. In this way, the main objective of the research was to know the conceptions of teachers about what social skills are and their importance for the socio-emotional development of the student. For that, a field research with a qualitative approach was carried out in which two teachers from the initial years of elementary school in the city of Juazeiro-BA participated. Both were interviewed based on a semi-structured script that contained questions about their conceptions of social skills and their development. Among the main results, we present the reflection that the humanization of the teaching class is necessary, not limiting the individual emotionally, but enabling him to be a socially competent citizen.

Keywords: Teacher training; Elementary School; Learning process.

¹Especialista em Psicopedagogia (FACESP); Licenciado em Pedagogia (UPE); Professor da Escola Municipal Marechal Mascarenhas de Moraes (Sec. Educ. Petrolina-PE); e-mail: dhiogo_caldas13@hotmail.com

² Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano *Campus* Petrolina – IF Sertão-PE. Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (Universidade Federal da Bahia/ UFBA - 2022); Mestre em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos pela Universidade do Estado da Bahia (PPGESA/UNEB - 2016). Membro dos Grupos de Pesquisa registrados pela CAPES: Etnobiologia e Conservação (UNEB) e Grupo GRIÔ (UFBA); Pesquisador Visitante do Centro de Pesquisas em Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação OPARÁ-UNEB. Email: roberto.remigio@ifsertao-pe.edu.br

INTRODUÇÃO

Considerando que somos seres sociáveis e necessitamos de contato mútuo para entendermos o nosso contexto de convivência com o mundo externo, as Habilidades Sociais (HS) são ferramentas necessárias de interação entre o conhecimento empírico e o científico. Ou seja, no que diz respeito às estruturas que moldam a competência do aluno em sala para exigências impostas a ele no dia a dia em sociedade. Por isso, desenvolver HS nos espaços de convívio com o meio e com os demais são fundamentais para uma boa qualidade de vida para qualquer ser gregário.

Sendo assim, no que diz respeito ao contexto escolar, essas habilidades possuem extrema relevância para se alcançar a plena eficácia no desenvolvimento da aprendizagem do aluno, mas, para se chegar a esse fenômeno almejado pela escola, o mediador mais importante desse processo do estímulo da descoberta do saber (o professor) necessita compreender a delicadeza da arte que é o comportamento humano, das suas ações e reações para como outro em determinantes problemáticas do dia a dia que vivemos e que são decisivas para a nossa saúde social.

O presente ensaio discorre sobre o que a literatura aponta quanto à temática das HS, descrevendo a importância da intervenção do professor diante dos alunos (em particular alunos dos anos iniciais). Deste modo, o objetivo principal da pesquisa foi conhecer as concepções de professores sobre o que são HS e qual sua importância para o desenvolvimento socioemocional do aluno.

Tal objetivo reflete a importância desse trabalho com HS nas escolas, não limitando esse espaço apenas aos resultados cognitivos que o aluno irá desenvolver durante o seu percurso avaliativo. Mas também, que o mesmo possa agir de forma assertiva nas suas relações interpessoais, atingindo suas metas muito mais rápido, construindo relacionamentos afetivamente benéficos e evitando a ansiedade desnecessária e aversão social.

Dessa forma, torna-se necessário evidenciar que as lacunas com HS que ocorrem em sala de aula muitas vezes acontecem pela falta de aprimoramento do convívio social por parte da classe docente, que dificulta que o aluno construa sua identidade social e emocional, e use-a de forma inteligente em benefício próprio e de todos.

Por fim, o desejo com o desenvolvimento desse ensaio, é colaborar conscientizando e humanizando a escola, sobretudo o professor, que o sucesso escolar do aluno não envolve apenas o êxito do resultado da habilidade cognitiva pode oferecer, mas envolve também, e principalmente, a preservação e a promoção da saúde dos sentimentos e emoções, as quais exigem equilíbrio consciente e autocontrole constante.

Por fim, reitera-se que pessoas socialmente competentes possuem maiores chances para um relacionamento interpessoal produtivo com as pessoas que interagem, agregando valores como responsabilidade, solidariedade, empatia e sensibilidade para contribuir na maximização de ganhos e na diminuição de perdas para si e para demais pessoas do seu convívio social.

Desse modo, o presente trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa de campo realizada com duas professoras dos anos iniciais do ensino fundamental na cidade de Juazeiro-BA. Ambas foram entrevistadas a partir de um roteiro semiestruturado que continha questões sobre suas concepções acerca das habilidades e seu desenvolvimento.

Assim, além desta introdução e das considerações finais, o texto conta com uma seção sobre o referencial teórico adotado na pesquisa, outra com o percurso metodológico trilhado e, por fim, com uma seção na qual se discute os resultados atingidos na pesquisa.

2 HABILIDADES SOCIAIS: CONCEITOS E INFLUÊNCIAS NO PROCESSO EDUCACIONAL

A ação docente em sala de aula nos dias atuais tem sido um ponto de extrema relevância em pesquisas educacionais para a melhoria no sistema de ensino. As atuais concepções acerca do significado da ação de ensinar vêm superando a noção de transmissão de conhecimento que supunha um aluno passivo, redefinindo-se como uma tarefa complexa (DEL PRETTE et al, 2005).

Destaca-se as possibilidades do professor em promover uma formação que traga tendências construtivistas e sociointeracionistas são pautadas pela qualidade do seu repertório de Habilidades Sociais, propondo interações educativas que desenvolvam no aluno a capacidade de se autodesenvolver social e academicamente

redefinindo-se como uma tarefa complexa que envolve orientar, promover e mediar o desenvolvimento de novas capacidades intelectuais e socioemocionais (DEL PRETTE et al, 2005, p. 62).

Deste modo, Del Prette e Del Prette (2005) afirmam que um componente fundamental da competência profissional do professor, ao lado de suas concepções e atitudes, é o conjunto de suas HS educativas para que ele possa usar estratégias interativas de ensino e promover o desenvolvimento socioemocional do aluno.

Segundo Del Prette e Del Prette (1999), as interações sociais são extremamente importantes em todas as etapas do desenvolvimento humano, pois é necessário desempenhar com esmero os papéis sociais, para que se consiga viver bem consigo mesmo e com o mundo que nos rodeia.

Sendo assim, percebe-se que o professor tem um papel fundamental e significativo para a criança, não apenas na vida acadêmica, mas quanto ao desenvolvimento pessoal. O professor, pode proporcionar um desempenho social eficaz ao educando, servindo como um espelho de referência para esse aluno. Com um repertório social bem desenvolvido, o docente consegue interagir melhor com seus alunos, criando

condições para o desenvolvimento acadêmico e social positivos, segundo as particularidades de cada aluno, propondo, dessa forma, ampliar os resultados por intermédio de uma mediação de ensino na qual o aluno veja o professor como um modelo de relação íntima, não apenas com o conhecimento, mas também na troca de experiências interpessoais.

O estudo das HS teve uma longa trajetória histórica, algumas delas infelizmente não suficientemente reconhecidas e devidamente apoiadas para um aprofundamento mais minucioso sobre o tema. Mesmo nos dias atuais, necessita-se de mais realce para ser discutido e promovido no que diz respeito à criação de mais teorias gerais sobre um instrumento eficiente e válido de HS que guie, em especial, os profissionais da classe docente, os quais devem conseguir contextualizar e compreender que sua postura profissional não se limita apenas à formadores de opiniões, mas também como modelo representativo para os alunos como sujeitos que se adéquam habilidosamente a situações sociais complexas.

No princípio desses estudos sobre Habilidades Sociais, autores como Jack (1934), Murphy, Murphy e Newcomb (1936), Thompson (1952) e Williams

(1935) foram os pioneiros. Esses autores estudaram diversos aspectos do comportamento social em crianças, aspectos que atualmente poderíamos facilmente considerar dentro do campo das HS. Esses primeiros passos das HS foram ignorados durante muito tempo, e não foram reconhecidos como um movimento de estudo científico.

Esse estudo científico e sistemático do tema advém de três diferentes fontes. A primeira foi apoiada no trabalho de Salter (1949), denominado *Conditioned Reflex Therapy* [terapia de reflexos condicionados], influenciado pelos estudos de Pavlov sobre a atividade nervosa superior. A segunda fonte foi realizada pelos trabalhos de Zigler e Phillips (1960, 1961) sobre a competência social, que na época era alvo de estudo em clínicas psiquiátricas. E a terceira fonte, considerada como terapia de aprendizagem estruturada, foi alvo de pesquisa pelos autores nos anos que se seguiram em: Goldstein (1973, 1981), Goldstein *et. al.* (1976, 1981, 1985).

Esse movimento teve também parte de suas raízes históricas no conceito de “habilidade” aplicado às interações pessoa-máquina, em que o sentido dessa analogia implicava características

perceptivas decisórias, motoras e também na relação do processamento de informação. O conceito de “habilidade” também se deu em relação à interação pessoa-pessoa na Inglaterra tendo participação de vários estudiosos como: Argyle (1967,1969), Argyle *et. al.* (1974a, 1974b), Argyle e Kendon (1967) e Welford (1966).

Mas, pode-se dizer que a pesquisa sobre HS teve uma concepção diferenciada nos Estados Unidos dando-se a evolução no que diz respeito aos diversos termos como: personalidade excitatória, por Salter em 1949, comportamento assertivo por Wolpe em 1958, liberdade emocional por Lazarus em 1971, entre outros, até chegar ao termo que hoje é empregado como “habilidades sociais”.

Há uma vasta definição do que seja o conceito de HS encontrado em diversas literaturas sobre o tema, e neles um comportamento considerado socialmente hábil pelos autores foi definido como:

O comportamento que permite a alguém agir de acordo com seus interesses mais importantes, defender-se sem ansiedade inapropriada, expressar de maneira confortável sentimentos honestos ou exercer os direitos pessoais sem negar os direitos de outrem (ALBERTI; EMMONS, 1978,p.2, apud CABALLO, 2003, p. 5).

Por outro lado, do ponto de vista de Caballo (2003), as HS podem ser

compreendidas como: O conjunto de comportamentos emitidos por um indivíduo em um contexto interpessoal que expressa sentimentos, atitudes, desejos, opiniões ou direitos desse indivíduo de modo adequado à situação. Essa classe de comportamento, geralmente, resolve os problemas imediatos da situação, enquanto minimiza a probabilidade de futuros problemas, constituindo sucesso pessoal na realização dessas vivências sociais.

Na mesma direção, para Del Prette (2005), as HS podem ser definidas como um conjunto de características que são apresentadas pelo indivíduo diante das demandas impostas diariamente pelo convívio social. Sendo assim, ao se deparar com um ambiente desconhecido, qualquer indivíduo passa por um processo de adaptação e com a criança não é diferente (COSTA et al, 2019). No ambiente escolar é necessário que sejam desenvolvidas habilidades que lhe proporcionem relações saudáveis e que, diante dos conflitos diários, ela possa solucioná-los com ações socialmente competentes.

Entretanto, para Kelly (1982 apud CABALLO 2003, p.6), as H.S se colocam em uma via mais prática, descrevendo como “um conjunto de comportamentos

identificáveis, aprendidos, empregados pelos indivíduos nas situações interpessoais para obter ou manter o reforço de seu ambiente” (KELLY, 1982, apud CABALLO, 2003, p.6). Por sua vez, Linehan (1984 apud CABALLO, 2003, p.6), reafirma a definição dos autores anteriores resumindo que as HS são a capacidade complexa de atuação social, emitindo respostas agradáveis para convivência coletiva, levando em conta a percepção das normas de convivência social.

As HS são compostas de diferentes classes de comportamentos e desempenhos do repertório social que contribuem para a competência social formativa do sujeito. A competência social é um termo avaliativo baseado em julgamentos (de acordo com determinados critérios) de que o indivíduo desempenha adequadamente a sua tarefa social. No entanto, a competência não necessariamente implica em desempenhos excepcionais, ela somente indica um dado desempenho social foi adequado. (MCFALL,1982, apud CABALLO,2003, p.14).

Esta é influenciada por variáveis culturais, pessoais e situacionais. Sendo assim, a qualidade interativa do professor para com os alunos depende de inúmeros

fatores para se chegar a um ensino em que o conhecimento prévio do aluno e o conhecimento do professor se cruzem para que se possa ter um aprendizado que dê oportunidade para se integrar os saberes de forma significativa, dinâmica, coerente, reflexiva, holística, dialética e contextualizada.

Neste caso, o professor se coloca em abertura para que o aluno possa ter a chance de trabalhar a sua habilidade de comunicação atuando como protagonista na sua prática de socialização e expressão, para expor suas experiências com o mundo externo. Sendo assim, na relação com o aluno, o professor deve usar de forma coerente o seu repertório de habilidade sociais, com o objetivo de obter um resultado positivo e favorecendo a relação interpessoal no ambiente escolar.

Segundo Caballo (2003), a fase denominada infância é crítica e crucial para o desenvolvimento das HS, pois é nessa fase que ocorrem as primeiras experiências de aprendizagens, a partir dos modelos que possui, tais como a família, primeiro contato social diário, e, posteriormente, a escola, tendo o professor como um exemplo a ser seguido.

Neste sentido, é essencial que essas interações sociais conduzam as crianças

para desenvolver comportamentos sociais mais elaborados, articulando seu repertório de H.S. com as pessoas que com ela convivem. Por isso, o nível de habilidade social dos professores é indispensável e interfere na aprendizagem dos alunos por meio da aprendizagem vicariante, ou seja, o resultado da aprendizagem dos alunos dependerá do nível de estímulos observados por eles nas ações saudáveis do professor em sala.

Gonçalves e Murta (2008, p. 430 apud SEHNEM et al, 2016, p.81) indicam que

um repertório empobrecido pode constituir em um sintoma ou transtorno psicológicos e cognitivo, podendo se expressar como dificuldades interpessoais na infância tendo a possibilidade de se estender até a fase adulta.

A competência social da criança tem despertado cada vez mais o interesse dos profissionais da educação, pois um bom repertório de HS contribui, significativamente, nas relações das crianças com colegas e adultos (FLORÊNCIO; MOREIRA, 2020). Ao longo dos anos surgiram várias tentativas de classificar os conjuntos de HS necessárias para o desenvolvimento competente do comportamento social na infância.

Segundo Del Prette e Del Prette (2013), desde o final dos anos 70 já haviam sido identificadas 136 classes de habilidades sociais consideradas indispensáveis à criança, subdivididas em quatro classes, sendo elas: as relações consigo mesma, com o ambiente, com tarefas e com outras pessoas.

Alguns anos depois, outros pesquisadores propuseram novos grupos de habilidades listando-as em 60 que foram reunidas em cinco classes, consistindo nas habilidades de sobreviver em sala de aula (no sentido de concluir atividades, ouvir atentamente, seguir instruções), fazer amizades, lidar com sentimentos, alternativas a agressão e lidar com o estresse.

Com a criação de novos instrumentos de avaliação, a partir de pesquisas com amostragens amplas, percebeu-se que as classes manifestavam HS correlacionadas entre si. Um exemplo foi o Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais de Gresham e Elliott, (1990 apud DEL PRETTE et al, 2013, p. 43), que teve como repercussão cinco classes: Cooperação, Assertão, Responsabilidade, Empatia e Autocontrole.

Na década de 1990 também foram realizados estudos acerca das diversas HS. Caldarella e Merrel (1997 apud DEL

PRETTE et al, 2013, p. 44) analisaram 21 pesquisas que abordavam o tema HS envolvendo 22.000 crianças. A partir da análise, classificam-se as habilidades em cinco classes: as relações com os companheiros, o autocontrole, as sociais acadêmicas, o ajustamento e a asserção.

No Brasil, foram poucas as pesquisas relacionadas à identificação das HS, mas num estudo realizado com enfoque nas habilidades específicas do contexto escolar foram identificadas quatro classes: a de Empatia e civilidade, Assertividade de enfrentamento, Autocontrole e Participação.

Os estudos realizados sobre as HS apresentam a predominância de algumas classes sociais que, por vezes, aparecem com nomenclaturas diferentes, porém com o mesmo significado.

Após analisarem as classes de HS propostas por diversos autores, Del Prette e Del Prette (2013) desenvolveram uma organização de classes e subclasses que abrangem os principais problemas interpessoais encontrados na infância e que são percebidos em vários contextos. Elaboraram um conjunto de sete classes e suas respectivas subclasses de habilidades consideradas fundamentais para o desenvolvimento interpessoal da criança, referidas a seguir:

- A primeira classe é a de Autocontrole e expressividade emocional, tendo como exemplo de suas subclasses a tolerância a frustrações, controlar a ansiedade, falar sobre emoções e sentimentos, expressar as emoções positivas e negativas.
- A segunda classe apresentada foi a Civilidade, o ato de cumprimentar as pessoas, despedir-se, fazer e aceitar elogios, fazer perguntas e responder perguntas.
- A terceira Classe, por sua vez, é a Empatia, observar, prestar atenção, ouvir e demonstrar interesse pelo outro, compreender situações.
- A quarta é a Assertividade, conseguir expressar os sentimentos negativos, falar sobre suas qualidades e defeitos, lidar com críticas e gozações, defender os próprios direitos. No que diz respeito ao contexto de sala de aula, é necessário que o educador esteja atento às emoções que o seu aluno expressa, bem como à maneira como ele reage a determinadas situações sejam elas favoráveis ou não.
- A quinta classe é intitulada Fazer amizades, fazendo parte das suas subclasses o fazer perguntas pessoais, cumprimentar, oferecer ajuda, manter conversação.
- A penúltima classe, por sua vez, é designada como Solução de problemas interpessoais, subdividida em acalmar-se diante de situações problemas, pensar antes de tomar decisões, implementar e avaliar uma alternativa, entre outras.
- Por fim, a sétima classe contém as Habilidades sociais acadêmicas, seguir regras ou instruções orais, prestar atenção, solicitar e agradecer ajuda, cooperar e participar de discussões, reconhecer a qualidade do desempenho do outro, entre outras subclasses.

Todas essas classes e subclasses possuem grande importância para o

desenvolvimento interpessoal e, de certa forma, elas se correlacionam, pois, a depender do contexto, é necessário o uso de mais que uma determinada classe para obter o comportamento habilidoso em outra classe. Um exemplo disso é o fazer amizades que necessita que a criança desenvolva a habilidade empática para que seja possível construir relações amigáveis.

O trabalho na evolução desse amplo repertório das HS acarretará em relações sociais saudáveis, indicando um ajustamento psicossocial e boas expectativas futuras no convívio interno e externo do aluno, além de trabalhar a sua saúde mental, que também implicará diretamente e consideravelmente na sua formação integral e na sua capacidade expressiva de expor suas bagagens de aprendizagens como eterno aprendiz em construção e desconstrução do saber e conhecer.

Portanto, cabe ao professor se perceber como um impulsor dessa referência de ensino que é a promoção do desempenho social dos alunos, tendo o poder de ser um modelo incentivador desse desenvolvimento interpessoal para a transformação do conhecimento prévio do aluno (COSTA et al, 2019), ou ser o

antônimo dessa habilidade, enfraquecendo-a.

Para Davis, Silva e Espósito (1989), interações educativas são aquelas que exigem coordenação de conhecimentos e ações em torno de objetivos comuns e que sejam pautadas pela simetria, ou seja, pela distribuição relativamente equivalente, entre os alunos, de oportunidades de participação, no tempo e espaço interativo, para a superação de contradições, para a expressão individual e para a troca de experiências (apud DEL PRETTE et al, 2019, p. 3). Sendo assim, o papel do professor é fundamental na elaboração de atividades escolares que permitam o relacionamento entre os iguais.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo qualitativo baseia-se na análise e interpretação dos dados complexos, que, segundo Rodrigues (2006), consegue investigar problemas que os procedimentos estatísticos não podem alcançar ou representar. A pesquisa foi elaborada a partir de revisão bibliográfica baseada nos estudos de Del Prette (1999, 2005, 2013).

Participaram da pesquisa 02 professoras do Ensino Fundamental (1º e

2º anos), lotadas numa instituição escolar da rede municipal de ensino localizada na cidade de Juazeiro-BA. A primeira tem 45 anos e atua como professora há 09 anos no ensino fundamental, sendo formada em pedagogia com especialização em psicopedagogia. A segunda, por sua vez, tem 43 anos e atua no magistério há 23 anos, formada em pedagogia com especialização em Gestão e supervisão escolar e Coordenação pedagógica.

Para iniciar a coleta de dados foi necessário realizar uma visita prévia na escola para solicitar a realização desse trabalho, informando o objetivo da pesquisa e os procedimentos que seriam aplicados. O instrumento utilizado foi a entrevista, contendo 10 perguntas abertas, usando o gravador de áudio como recurso para gravação das falas devidamente autorizada pelas participantes, com a finalidade de verificar a compreensão das professoras acerca da importância do desenvolvimento das HS no contexto escolar.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para fins de análise de dados, identificamos as professoras como sendo P1 e P2.

A primeira pergunta feita às professoras foi: mediante as suas experiências em sala de aula, o que significa Habilidades Sociais? Segundo P1

É o olhar diferente para a criança, todo aluno, todo sujeito do nosso convívio, em especial a criança ela já traz uma história de vida, ela faz com que você enxergue individualmente, em um grupo, cada aluno.

Para P2 “É desenvolver o conhecer e o aprender com o outro”. Similarmente, Phillips (1978 apud Caballo, 2003, p. 6) complementa afirmando que as habilidades sociais referem-se ao nível de aprendizagem comportamental socialmente positivo, em que uma pessoa consegue se relacionar com os demais, de modo a desempenhar um papel social capaz de realizar ações em benefício próprio, sejam elas necessidades, prazeres ou obrigações, de forma interpessoalmente inteligente, sem prejudicar os direitos dos demais participantes do seu convívio coletivo. Assim, uma pessoa socialmente habilidosa é aquele indivíduo que sabe gerenciar suas emoções para solucionar situações complexas do dia a dia sem interferir ou prejudicar o direito e espaço do outro.

A segunda pergunta feita às entrevistadas foi: Qual a importância das Habilidades Sociais para a inteligência emocional dos alunos? Segundo P1,

É fundamental, quando o aluno recebe esse apoio; ele tem a liberdade para se expressar. Ele está cuidando da sua saúde mental, ele está se preparando para lidar com o mundo na sua fase adulta. Na minha infância, eu tive uma experiência muito dramática, minha primeira professora me traumatizou, eu precisei chegar à universidade para quebrar esse bloqueio, eu não conseguia falar em público, eu tinha medo. Depois que eu fiz pedagogia, participei de aulas de psicologia e da minha experiência como mãe, eu percebi o dano que isso tinha me causado na infância, por que a professora era autoritária, eu não falava e ela não ouvia minha voz, a gente tinha pavor e não era só eu, era a turma inteira. Então, eu, enquanto professora, reproduzo esse comportamento em uma turma de trinta alunos, são trinta realidades, são trinta personalidades, e se eu não entender o meu aluno como uma parte que forma, o todo eu posso estar mudando drasticamente a vida desse aluno, e eu me pergunto com o que eu posso contribuir para que uma criança seja um adulto livre, crítico e pensante.

Para a professora P2,

com certeza, a saúde mental também influencia muita na emoção, diz muito que eu estou sentindo ou como me recolho quando eu estou com um determinado problema, eu acho que a saúde mental também define nossa inteligência emocional.

De acordo com as ideias de Bandura (OLAZ apud DEL PRETTE e DEL

PRETTE, 2013, p. 116), as crenças, pensamentos e sentimentos de uma pessoa determinam como esta se comporta. Nesse sentido, a forma como o indivíduo se porta para com o outro reflete claramente o seu repertório socioemocional, aprendidos por intermédio das aprendizagens sociais que ele construiu no decorrer das suas vivências.

As professoras foram questionadas sobre o que significa ser um indivíduo assertivo. A professora P1 diz o seguinte:

Em um contexto geral seria quando o indivíduo se percebe responsável por as suas ações e também acaba influenciando a ação do outro, é preciso que o aluno compreenda que a ação dele não é importante só para ele, que seja uma pessoa crítica, pensante e que perceba que o caminho faz com os passos dele também.

A professora P2, por sua vez, respondeu que: “ainda não pensei a respeito, a gente poderia ir pela nomenclatura, mas eu ainda não estudei a respeito”.

Com a fala da professora P1, é possível perceber que há uma preocupação acerca da habilidade assertiva, considerando que o agir assertivo está atrelado à compreensão do sujeito sobre os direitos e deveres de todos aqueles que estão participando de uma interação social, estando de acordo com o que Del Prette e Del Prete (2013) afirmam que o

primeiro e mais importante requisito para pensar assertivamente é a reciprocidade e a partir disso compreender os direitos e deveres.

A professora P2 declarou que desconhece essa habilidade e que iria pesquisar sobre. Em alguns casos a assertividade não é valorizada devido à confusão que se faz dela com a rebeldia e a agressividade, ou seja, confunde-se com desrespeito às normas ou teimosia, mas é importante enfatizar que a assertividade é uma classe de habilidades de enfrentamento em situações em que há a necessidade de controlar a ansiedade e expressar sentimentos, desejos e opiniões de forma apropriada.

Del Prette e Del Prette (2013) apontam que o segundo requisito do pensar assertivo é discriminar o que é relevante e o que é irrelevante nos relacionamentos interpessoais. Sendo assim, é fundamental que os professores compreendam essa habilidade e auxiliem a criança nesse processo de escolha, de tomada de decisão.

Buscou-se saber também qual a importância da empatia, na perspectiva das entrevistadas. P1 afirma que:

Ela é importante pra vida da gente em tudo, se eu não me colocar no lugar do outro eu nunca vou poder ajudar, se eu

estou vivendo uma realidade em sala de aula onde a gente troca experiências e eu me coloco no lugar do outro é muito mais fácil se relacionar, para que eu possa lidar com a sua dor e com a sua alegria também.

A professora P2, por sua vez, diz que

eu trabalho muito com essa questão de não fazer ao outro aquilo que a gente não gostaria que fizessem conosco, a gente se colocar no lugar do outro tanto na hora da alegria como na hora da tristeza, tentar sentir o que o outro sente.

Para Del Prette e Del Prette (2013) as habilidades empáticas são as expressões afetivas de compreensão, pois, a partir delas, o indivíduo tem a sensibilidade de perceber as necessidades do outro e compartilhar as experiências, sejam elas positivas ou negativas. Desse modo, percebe-se a importância da habilidade empática, principalmente no contexto escolar, por ser um ambiente construído por relações interpessoais e coletivas, levando o indivíduo a lidar com as particularidades de cada um e aprender a se perceber compreensivo perante a perspectiva do outro.

Além disso, as professoras foram questionadas se, como docentes, carregavam aprendizagens sociais que aprenderam na infância com algum professor. P1 relata que:

Na minha infância eu tive um bloqueio, mas logo depois conheci minha professora

da quarta série [...], ela desfez, de alguma forma o trauma que foi construído e me fez acreditar que o professor não precisava ser autoritário. A professora [...] marcou positivamente a minha vida. E eu não sabia que eu iria ser professora, não sabia que iria trilhar esse caminho, mas no momento que comecei a caminhar como estudante de pedagogia eu dizia que se eu fosse professora um dia, eu quero ser como a minha professora.

Para P2, a resposta foi:

Não, por que eu acredito que o contexto que vivemos é muito diferente do que era; as metodologias eram diferentes, então eu não me espelho na questão metodológica, mas emocional alguns professores sempre nos marcaram.

Aqui, se faz importante afirmar que é evidente que de alguma forma as docentes foram marcadas emocionalmente pelos seus professores na infância, seja de forma positiva ou negativa, e isso contribui significativamente nas suas práticas em sala de aula. De acordo com Del Prette e Del Prette (2010), o comportamento é influenciado não só pelo acúmulo das experiências passadas e atuais, mas também são influenciadas pelos significados pessoais atribuídos as percepções dessas experiências.

Quando questionadas se as emoções deveriam ser o ponto de partida para desenvolver as demais habilidades do indivíduo, P1 disse que

Eu já me questioneei isso, quando eu desenvolvi a sequência didática trabalhando as emoções na sala, eu tive um choque de realidade, na verdade eu percebi que os meus alunos mais difíceis, e com maiores dificuldades de aprendizagem, tinham algo por trás e é por isso que eu acho fundamental eu reconhecer meu aluno como um ser que possui emoções.

É notável que as emoções sejam um ponto importante para a tomada de decisões e de enfrentamento social. Por isso, o professor deve ser o orientador para auxiliar esse aluno a trabalhar sua desenvoltura comportamental dentro do convívio interpessoal. Segundo Caballo et al (2003 apud DEL PRETTE e DEL PRETTE, 2013, p. 100), a denominação que damos às nossas emoções diante das situações é um produto de nossas suposições e avaliações, conscientes e inconscientes.

Ainda nesta temática, buscou-se saber, da perspectiva das docentes, de que modo a saúde mental está ligada a qualidade da construção das HS. Para P1:

está diretamente relacionada em tudo. Uma criança que vive em um ambiente saudável, que tem acompanhamento afetivo dos pais, essa criança é completamente diferente da criança que não sabe com quem vive na verdade, se é com a mãe, com o pai, com o padrasto, com a vó, essa criança não tem referência de família. Então, para mim, a saúde mental parte daí, se a criança tem uma boa referência de um ambiente socialmente saudável, não só na escola, mas em casa, é uma criança que tem todo o aparato psicológico para se desenvolver bem na escola e na sua vida como um todo.

A docente P2 concorda com esse posicionamento e diz que

Sim, com certeza, a saúde mental influencia muito na emoção, externaliza muito o que estou sentindo. Ela definitivamente também define o meu comportamento social.

Assim sendo, percebe-se a defesa das professoras sobre a relação da saúde mental com o desenvolvimento saudável e positivo das H.S. Em concordância, Del Prette e Del Prette (2010) afirmam que saúde mental está relacionada ao bem-estar psicológico e que é necessário que a escola converse e estimule seus alunos a estabelecer respostas positivas para as diferentes demandas sociais.

Ainda sobre a relação entre as HS e a vida do aluno, as participantes foram questionadas sobre as dificuldades ao reconstruir essas habilidades considerando o contexto familiar dos alunos. Notou-se a preocupação das docentes com o desenvolvimento social dos alunos na medida em que os princípios, crenças e valores da família se tornam decisivos para a construção da identidade social. De acordo com Del Prette e Del Prette (2010), desde o nascimento, a criança aprende vicariamente comportamentos sociais à medida que os pais fornecem incentivos e

modelos para a aprendizagem, garantido à criança possibilidades de prática social e oferecendo a oportunidade de experimentar relações interpessoais estáveis e significativas dentro de um contexto saudável e afetivo.

Para o desenvolvimento das HS, é necessário identificar a emoção e não negar o sentimento da criança, seja qual for. Do mesmo modo, deve-se ajudá-la a fazer as suas próprias descobertas sobre o que está sentindo e experimentando e isso não significa impor a sua classificação sobre os sentimentos dela, segundo Del Prette e Del Prette (2013). Salienta-se que é de extrema importância que o docente crie oportunidades de diálogo, que ouça os seus alunos, permitindo que eles descrevam o que estão sentindo, que validem o sentimento da criança, mesmo que pareça exagerado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vislumbra-se, por fim, que, em se tratando das classes de HS e diante da sociedade contemporânea que está em constante transformação, as crianças são bombardeadas o tempo todo com informações, e estão quase sempre conectadas com o mundo. No entanto,

apesar de todo avanço tecnológico, é um grande desafio conhecer e saber lidar com as emoções de uma das classes apresentadas na entrevista: a expressividade emocional. Quando a professora fala que é fundamental que o aluno tenha a liberdade de se expressar, cuidar da saúde mental é muito importante, principalmente para aquele aluno que está aprendendo a lidar com o mundo à sua volta.

Del Prette e Dell Prette (2013) apontam que falar sobre os sentimentos e nomear as emoções são habilidades que ajudam a criança a transformar algo assustador em algo natural, e que pode ser um efeito calmante imediato. Portanto, para que o educador consiga lidar com as emoções dos seus alunos é preciso que haja uma constante reflexão sobre a sua prática, revendo seus métodos e estratégias para que possa compreender as expressões emocionais como oportunidade de troca de intimidade e confidências, quando o professor tem uma relação satisfatória com o estudante, conseqüentemente ele consegue ampliar as probabilidades de obter sucesso na aprendizagem acadêmica.

Ressalva-se que todas as classes de habilidades são importantes e se

complementam, porém, a aprendizagem do comportamento habilidoso depende do ambiente que é oferecido à criança. Neste sentido, quando a escola promove o comportamento social competente, conseqüentemente, a criança terá um rendimento social e acadêmico favorável.

Tendo em vista que as HS são características fundamentais para o processo de civilidade, é crucial e inegável que o professor seja o porta-voz dessa formação emocional dentro da sala de aula, sendo necessário o docente se

perceber como referência influenciadora dessas práticas sociais positivas, não apenas no contexto escolar.

Tal demanda exige uma prática diária e constante de autopercepção e avaliação de si mesmo, superando o paradigma de um docente apenas formado para intelectualizar, mas construindo um novo modelo de ser professor que forma não apenas “mentes pensantes”, mas que respeita toda a sua complexidade emocional da natureza humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Base Nacional Curricular Comum. Ministério da Educação, Brasília, 2018.

DEL PRETTE, Z.A.P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática**. 6. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

DEL PRETTE, Z.A.P.; PAIVA, M. L. M. F.; DEL PRETTE, A. Contribuições do referencial das habilidades sociais para uma abordagem sistêmica na compreensão do processo de ensino-aprendizagem. **Interações**, v. 10, n. 20, p. 57-72, 2005.

DEL PRETTE, Z.A.P.; DEL PRETTE A. **Psicologia das habilidades sociais: diversidade teórica e suas implicações**. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

COSTA, E. O.; FLORÊNCIO, R. R.; OLIVEIRA, M. S. M. Afetividade em sala de aula e sua relevância no desenvolvimento cognitivo de alunos entre 5 e 7 anos. **Revista REVASF**, da Universidade Federal do Vale do São Francisco – ISSN 2177-8183, Vol. 9, nº 20, set-dez/2019.

FLORÊNCIO, R. R.; MOREIRA, M. C. S. As contribuições de Vygotsky aos estudos sobre a linguagem das crianças. **Revista Cadernos Cajuína**. ISSN: 2448-0916 Vol. 5, nº 2, 2020.

RODRIGUES, A. J. **Metodologia científica: completo e essencial para a vida universitária**. 1. Ed. São Paulo: Avercamp, 2006.

SEHNEM, Scheila Beatriz; ROSA, Ana Paula; DA SILVA, Adriana. HABILIDADES SOCIAIS EM PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL. **Pesquisa em Psicologia-anais eletrônicos**, p. 79-92, 2016.